

VIA-SACRA  
DA IMUNIZAÇÃO

## SOU MAIOR E VACINADO

Leandro C. Navarro  
(Jornalismo - UNIVEL)

**A**pós relatar em ser vacinado, me rendi aos apelos e decidi fazer a via-sacra no postinho. Quero deixar claro que não tenho medo de agulhas, apenas acreditava não haver problemas em ficar sem me vacinar, afinal nunca tive nem gripe.

Não conheço a rubéola, nem sei quais são os seus sintomas, mas sei que ela nos conhece muito bem. Conhece os caminhos certos para entrar em nosso corpo e nos molestar. Por algum motivo, ela gosta de pessoas

com mais de 20 anos. Já completei 25, é hora de me cuidar mais.

Acreditem vocês que a rubéola é uma doença de criança que só atinge pessoas acima dos 20 anos. Seus sintomas são febre, dores nas juntas, sintomas da gripe em geral, coriza e conjuntivite. Trata-se de um poderoso vírus, que se transmite com extrema facilidade. A pessoa doente pode apresentar manchas avermelhadas na pele, começando no pescoço, que depois se alastra para o tronco, pernas e braços.

Mãos à obra. A doença dura entre 5 e 10 dias, o que poderia me render um atestado e alguns dias de folga. É tentador, mas não é correto me colocar em risco por alguns dias de "férias". Que pena, então vamos vacinar.

Minha primeira tentativa, (sim, se digo primeira é porque foram mais de uma. Quatro no total), foi no posto de saúde do Santa Cruz. Escolhi este por ficar próximo ao meu trabalho. Não deu certo. No posto havia apenas o pedreiro que faz a reforma do prédio. Todo o atendimento foi transferido para o CAIC.

Segunda parada, no CAIC encontrei duas enfermeiras (não citarei seus nomes por falta de autorização da assessoria de imprensa da secretaria de saúde), elas me trataram com muita educação e cordialidade. Expliquei que precisava ser vacinado e gostaria de obter algumas informações sobre a doença para escrever este texto. Elas me informaram que toda informação referente à campanha de vacinação deveria ser obtida na Secretaria de Saúde do município.

Pôxa, eu não queria informação mirabolantes para divulgar este mega esquema de vacinação. Queria apenas relatar a minha experiência como usuário do SUS, mas foi em vão.

Fui em busca de outros locais onde os agentes de saúde realizavam "arrastões" para vacinar os desavisados, bancos, mercadinhos e marcadões. Mas a vacinação nestes locais já havia acabado.

Foi aí que me lembrei do posto de saúde que fica ao lado da escola onde meu filho estuda. Pimba, seria ali mesmo.

Logo de cara, encontrei outras pessoas que aguardavam a vacina. Duas mulheres e três crianças para ser mais exato. Para o meu espanto, quem chorava não era uma criança, e sim sua mãe. Perguntei o porquê do desespero e ela me confessou seu pavor às agulhas.

A enfermeira atendente nos encaminhou até a sala de aplicação. Formamos uma fila, como eu fui o último a chegar me posicionei atrás de todos. Quando a enfermeira chamou o primeiro, todos da fila me olharam. "Vai você primeiro", sugeriu uma das mulheres. Eu ali, sendo apontado como aquele que comete um crime e merece uma punição. A pena era levar uma agulhada no braço. Perguntei se elas tinham certeza, afinal quanto antes tomar a injeção, mais rápido vão para casa. Sem titubear todos olharam para mim novamente com aquela cara do tipo: "você tá aí ainda? Vai logo!"

- Ok! Ok! Já que sou o único homem aqui, serei um gentleman.

Enquanto eu retirava meu casaco molhado para mostrar meu braço à enfermeira, lhe perguntei o que era a rubéola, afinal, até agora não havíamos sido apresentados.

Ela disse se tratar de uma doença de criança, pelos sintomas tão comuns. Disse também que o maior risco é justamente para a gestante, afinal, trata-se de uma doença que ultrapassa a placenta e atinge o bebê. Nestes casos a mãe pode sofrer um aborto ou o neném pode nascer morto. Além disso, a criança pode nascer com Síndrome da Rubéola Congênita (SRC) com problemas que perduram pela vida toda: deficiência auditiva (surdez), lesões oculares (retinopatia, catarata, glaucoma), problemas no coração (múltiplas formações cardíacas), problemas neurológicos.

Agora que fomos apresentados não quero ter notícias dela nunca mais.

Isso me fez lembrar de quando eu tomei minha primeira vacina, ou melhor, a primeira que me lembro. Eu era um garotinho muito novo e sem medo de agulhas. A enfermeira me observou enquanto eu a olhava preparar

Oficina de Reportagem

## Outra Pauta

Segunda-feira, 22/09/2008 - Paraná  
Ed. 23 / Ano 1 / Turma 2

aquela vacina. Enquanto ela expelia o ar de dentro do êmbolo, me consolou dizendo que ia doer igual à picada de uma formiga. Eu disse, "mas qual formiga? Porque tem umas que doem pra cacete!". Mas, nesse dia, acabou tudo bem.

Voltando à sala de aplicação da vacina da rubéola, quando me sentei na cadeira quase todos da fila me observavam atentamente, menos uma das mulheres que estava cobrindo os olhos. Ela dizia "ai meu Deus"... Quando pronunciei as primeiras palavras para confortá-la senti a agulha entrar em meu braço, disse: "não se preocupe, não dói nada". Antes que a frase terminasse a enfermeira estava chamando o próximo da fila. Realmente, foi tão rápido e indolor que eu custei acreditar. Tentei confortar as pessoas da fila dizendo que não tinha doído nada. Mesmo assim a senhora pôs-se a chorar enquanto seu pequeno filho a consolava: "Não vai doer nada mamãe". Talvez, a coragem do pequeno se devesse ao fato da vacina, dessa vez, não ser para ele.

É... os tempos mudam, assim como os vírus. Esta é uma campanha fundamental para a erradicação da rubéola. A enfermeira, em tom de brincadeira, me alertou que o vírus se espalhou por conta dos homens machões que não queriam tomar a vacina e contraíam a doença. Sua forma de contágio é por meio do contato com gotículas de secreções que saem do nariz e da boca da pessoa infectada ao tossir, falar ou respirar. A transmissão por objetos contaminados também pode acontecer. Portanto, cuidado, deixe o pré-conceito de lado e vacine-se. A sua saúde e a de quem você ama está em risco.

Vou ficando por aqui, afinal sou maior de idade e vacinado. ☺

EDITORIAL

## UMA QUESTÃO DE SAÚDE PARA O JORNALISMO NARRATIVO

**A**vulnerabilidade do jornalismo literário sempre esteve associada à incorporação de elementos formais próprios da ficção como recurso de expressão para o trabalho do jornalista. É em suma um problema ético. Se ficção é criação e não representação o risco se apresenta sob a forma do factóide. Algo que se assemelha a um fato jornalístico, embora não o seja em essência. Um simulacro.

A invenção assim colocada não é algo muito diferente de uma mentira. Uma falsificação. O exercício que o jornalismo literário impõe ao profissional de imprensa é sempre um problema ético capital. Produzir jornalismo literário não pode ser, portanto, abrir precedentes éticos que transgridam a natureza mesma do jornalismo no contexto de sua legitimação na esfera pública. Quem produz jornalismo literário não é um "jornalista de gabinete". Imagem que associa este profissional a um determinado tipo de intelectual encastelado em suas abstrações estereis.

Das aulas da professora Cremilda Medina na ECA-USP surge um horizonte diametralmente oposto: o jornalista como intelectual orgânico. Um conceito elaborado por Gramsci em "Os Intelectuais e a organização da cultura". Jornalismo como pedagogia das massas. Atuar no jornalismo é colocar-se sob o abrigo de um imperativo ético delimitado pelo interesse público. Produzir jornalismo literário não pode ser portanto um exercício estetizante. Um mero capricho. Forma e conteúdo se agenciam de maneira diferente então tendo sempre em vista o interesse comum do público. Daí a necessidade de uma pauta. Um plano prévio de sobrevôo como condição necessária para o mergulho no tempo do cotidiano - dimensão por excelência de manifestação do interesse público. O concreto mais imediato do mundo vivido. Tudo isto está muito longe de uma mera invenção.

É com esta preocupação que a edição de hoje do Outra Pauta foi concebida. Uma demanda sempre presente no espaço público da cidade: a saúde. O invisível porque muitas vezes diluído pela pressa das obrigações: das resistências à campanha de vacinação contra a rubéola ao uso correto dos aparelhos de fisioterapia implantados numa praça do centro da cidade, tudo também pode ser angulado por uma abordagem narrativa sem comprometer a fidelidade aos limites éticos da profissão. É essa organicidade entre o jornalista e seu público leitor que estão na base de uma formação sólida para o profissional de imprensa. Nossos novos repórteres provaram aqui estarem no caminho correto. Boa leitura. ☺

Contribua com  
o blogue **Outra  
Pauta**

Envie poemas, vídeos,  
textos, crônicas, fotos,  
desenhos ...  
e nós publicamos.

[outrapauta.wordpress.com.br](http://outrapauta.wordpress.com.br)

Acesse e saiba mais.



CUSTO-BENEFÍCIO

# PAGA QUEM TEM, ESPERA QUEM PODE

Bruna Hissae (Jornalismo - UNIPAR)

Começou como uma forte gripe e em poucos dias se transformou em uma grave pneumonia. Eduardo Ishi, com sete anos na época, foi levado às pressas para um hospital. Entre um resfriado e outro, além de eventuais crises de rinite alérgica, os pais só perceberam a gravidade do quadro clínico, após um raio-x e o diagnóstico médico: se Eduardo não melhorasse seria necessário o uso de um dreno nos pulmões. Com uma semana de internamento familiar, já que o pai, a mãe e a irmã também se mudaram para o hospital, Eduardo estava pronto para outra, mas a mãe, Dêlzia Silveira Ishi já estudava medidas para que isso não acontecesse mais.

Dona Dêlzia não é do tipo de mãe que aprisiona o filho, não deseja colocá-lo em uma redoma de vidro para que não tenha contato com o mundo e todas as bactérias e vírus que nele existe. Entretanto, teve seu coração ferido. Depois de sentir a pior sensação ao ver o filho deitado em uma cama de hospital, ela não teve dúvidas e achou prudente vaciná-lo contra a gripe. Há dois anos Eduardo é imunizado contra o vírus *Influenza*.

"Todos os anos eu levo o Eduardo até o consultório para que apliquem nele a vacina contra a gripe. Custa R\$65 e eu fico mais segura em relação à saúde. Antes da pneumonia, a gente levava uma vez ou outra para tomar a dose, hoje ele não fica sem".

Assim como Dêlzia, existem muitas mães que recorrem às vacinas pagas para prevenir algumas doenças. Mas esse número poderia ser maior se algumas delas fossem mais divulgadas. Por acaso, você já ouviu falar da vacina contra pneumococo? Ou melhor, contra a bactéria que causa meningite, pneumonia, septicemia e otite média?

Essa vacina não é aplicada nos postos de saúde. Em clínicas particulares, para tomar todas as doses necessárias, o custo varia entre R\$ 200 e R\$ 1120. Além disso, há também a vacina contra a meningite C, que requer três aplicações, cada uma com o custo de R\$ 150.

Para os adultos existe também a possibilidade de tomar as vacinas dTpa-R (contra difteria, tétano e coqueluche acelular), a Tríplice Viral (rubéola, caxumba e sarampo) entre outras.

Já imaginou poder ser vacinado contra o câncer? Com a inovação tecnológica no campo das vacinas, no caso do câncer do colo de útero, isso já é possível. A vacina americana chamada de Quadrivalente Contra o HPV é o primeiro tratamento preventivo contra o câncer. O reboliço que uma ampola com esse conteúdo milagroso causa é diretamente proporcional ao valor desse tratamento: Três aplicações não saem por menos do que R\$ 1440. Segundo o site do INCA (Instituto Nacional Câncer) - [www.inca.gov.br](http://www.inca.gov.br) - o Brasil poderá incorporar a nova vacina ao calendário anual de imunização, mas isso depende de um processo de negociação com os laboratórios, no sentido de que a sua incorporação ao SUS (Sistema Único de Saúde) possa se dar na melhor relação custo-benefício.

Para a estudante Fabiana Godoy, a vacina preventiva do HPV não é uma novidade, porém o alto custo a impediu de iniciar as aplicações. "Mesmo sendo um tratamento tão importante eu não tenho condições de pagar. Saber que essa vacina pode ser feita pelo SUS seria uma ótima notícia, mas acho que isso vai demorar a acontecer. Quem sabe daqui uns cinco anos, ou talvez mais. Pelo sim, pelo não vou esperar".

Outra Pauta Turma 2 GAZETA DO PARANÁ

DIRETOR-GERAL: Marcos Formighieri; DIRETOR ADMINISTRATIVO: Guilherme Formighieri; EDITOR OUTRA PAUTA: Prof. Dr. Sílvio Demétrio; REVISÃO: Prof. Dr. Sílvio Demétrio; PROJETO GRÁFICO E ILUSTRAÇÕES: Douglas Menezazzi; EQUIPE: Andréia M. B. Roque, Evandro Paulo, Ana Paula Detsch, Juliana Tokarski, Leandro C. Navarro, Luciano Neves, Mirielly Ferreira, Roberson Lima, Rony Santos; CONTATO: Rua Fortunato Beber, 868, Jardim Pacaembu, Cascavel - Paraná - Brasil, CEP 85808-360, PABX: +55 45 3218-2500; [outrapauta.wordpress.com](mailto:outrapauta.wordpress.com), [outrapauta@gazetadoparana.com.br](mailto:outrapauta@gazetadoparana.com.br)

## UM SÉCULO, E MUITA RESISTÊNCIA... DESINFORMAÇÃO, A VILÃ DA HISTÓRIA

Mirielly Ferreira (Jornalismo - UNIPAR)

"Tiros, gritaria, engarrafamento de trânsito, comércio fechado, transporte público assaltado e queimado, lâmpadas quebradas à pedradas, destruição de fachadas dos edifícios públicos e privados, árvores derrubadas: o povo do Rio de Janeiro se revolta contra o projeto de vacinação obrigatório proposto pelo sanitário Oswaldo Cruz" (Gazeta de Notícias, 14 de novembro de 1904)



### SÉCULO XX

Não tem como escrever sobre vacina, saúde e não citar o nome de Oswaldo Cruz. O bigodudo não entrou para a história só por ter sido um dos pioneiros a estudar as moléstias tropicais e ser um grande defensor da saúde no País, mas também por ser conhecido pelos métodos um tanto bizarras que usava. Para erradicar a febre amarela, por exemplo, criou as chamadas Brigadas Mata Mosquitos. Funcionários do serviço sanitário eram autorizados a invadir as casas para exterminar os mosquitos transmissores da febre amarela.

Já para acabar com a peste bubônica, o método era pagar pela morte dos ratos da cidade. O que ele não contava era com o comércio negro. Tinha até quem criasse os roedores, importasse ratos dos navios estrangeiros ou quem trouxesse os animalinhos de outro estado, para ganhar uma graninha. Era a manifestação do jeitinho brasileiro presente desde essa época.

Em 1904, a população se revoltou contra a imposição de Oswaldo Cruz. Mas desta vez não era um método estranho, era apenas uma vacina. Só que o nosso sanitário esqueceu-se que os cariocas mal conheciam o significado da palavra, e além disso, a vacinação seria obrigatória. A doença em foco era a varíola, causadora de uma das várias epidemias que assolavam o Rio. O grande problema foi o somatório da imposição da vacina à força e a resistência do povo. Conseqüência: a população levantou-se contra o governo, sobretudo porque o prefeito mandou destruir os cortiços que enfeavam a paisagem naturalista da então capital do país. A fúria fazia com que bondes fossem queimados, comércios apedrejados, postes derrubados e queimados, trilhos arrancados... o caos se instaurava. O conflito foi batizado de Revolta da Vacina.

A tentativa era, ainda, salvar a população. Oswaldo Cruz juntamente com a força armada decidiu explicar à população como seria o processo, como as pequenas doses de vírus agiriam defensivamente no organismo.

Posso imaginar a recepção dos humildes moradores dos cortiços. Paralisados, eles olhavam perplexos imaginando que na verdade os agentes sanitários queriam matá-los. Exterminá-los. As expressões eram de medo.

- Imagine só, eles querem colocar o vírus em nós e ainda dizem que é para nos salvar??  
- Pensam mesmo que podem nos enganar? Querem é nos matar. Ouvi dizer por aí que o prefeito quer "limpar" o Rio, e vão começar é com a gente. Deus me livre! Quanta maldade em uma só pessoa.

Alguns mais corajosos (ou ingênuos) aceitavam receber a dose. E a platéia comentava perplexa:

- Ih, olha lá, ele está tomando mesmo.
- Não seja bobo. Isso é só um teatrinho. Não sou estudado como esse doutor, mas eu sei. Eu sei...
- Hum, nossa. Olha lá, ele não está morrendo...
- Vamos esperar mais um pouco. Vai que o veneno demora para tomar conta do corpo...

### SÉCULO XXI

Ainda percebemos que a população tem medo e não conhece efetivamente como funciona e quais são os benefícios que a vacina pode trazer. Benefício este não destinado a um único indivíduo, mas transposto à sociedade como um todo.

A vacina da gripe ainda hoje causa medo em muitos idosos. Isso porque em 1999 quando a vacina foi instituída, na campanha de vacinação no Brasil, muitos idosos adoeceram (e até faleceram) após a aplicação da vacina. Alguns afirmam ser a intenção do governo matar todos os velhinhos de forma silenciosa, o que é puro boato. Quando questionados a respeito eles dizem que o fulano falou ao cicrano, que disse ao beltrano, que disse a ele que... E assim surge o medo e a resistência em quem tem mais de 60 anos.

Campanhas de divulgação e orientação são oferecidas pelos postos de saúde. O intuito é quebrar essa resistência, pois a vacina contribui para prevenir as doenças respiratórias mais graves. A agente comunitária de saúde, Clara Miguelina Alves de Oliveira, visita as casas dos idosos no bairro Neva, ela procura esclarecer as dúvidas em relação à vacina da gripe, pois alguns ainda dizem ter medo de tomá-la.

"São poucos os que têm medo da injeção. Os idosos com mais de 60 anos que aparecem aqui no posto, vêem dispostos a receberem a dose", afirma a enfermeira Iraci da Silva.

Com 82 anos, Maria Jose Barreira afirma ter tomado a dose apenas três vezes. "Todas as vezes que eu tomava, me dava uma reação muito forte. A doutora falou que eu não podia mais tomar. Mas meu marido, falecido há um ano, sempre tomou. Para ele era ótimo. Não pegava gripe durante o ano inteiro, uma maravilha". Comenta Maria.

Eis a questão: O que realmente pode acontecer após tomar a vacina da gripe?

Segundo o site [www.vacinacontragripe.com.br](http://www.vacinacontragripe.com.br), existem possíveis reações adversas: "Os eventos adversos referidos após a vacinação são pouco frequentes, podendo surgir vermelhidão e inchaço discretos (nos locais da aplicação) e, raramente, febre, mal estar, mialgias (dor nos músculos) e erupções cutâneas... Essas reações, em geral, desaparecem de 24 a 48 horas, espontaneamente. Reações leves são raras, podendo ocorrer em 5% dos casos. Reações graves são muito mais raras, podendo ocorrer em menos de 1% dos vacinados".

O que se pode concluir, é que a falta de informação pode gerar conflitos desnecessários. Informe-se.



QUEM É O MORTO?? - É AQUELE BONITÃO ALI.

## AINDA TEM OS ACRÉSCIMOS

Roberson Lima (Jornalismo - UNIVEL)

Siate, Hospitais, atendimento rápido e eficiente, bom senso. Tudo isso deve estar milimetricamente ajustado. O cálculo errado pode significar o fim da existência de uma vida. Do resgate de pessoas em meio às ferragens, feito pelos homens do Corpo de Bombeiros em acidentes de trânsito até complicados procedimentos cirúrgicos, realizados por mãos hábeis e raciocínio rápido dos cirurgiões, tudo precisa ser instantâneo e preciso.

Esse Todo - bom senso, profissionais e instituições - é imprescindível. Para o salvamento do indivíduo, para a saúde da própria população. Segundo o site oficial da corporação, no último mês de agosto, o 4º Grupamento do Corpo de Bombeiros de Cascavel registrou 35 óbitos em seus relatórios - número infimo se comparado aos 1523 atendimentos prestados pela companhia no mês. Vale lembrar que o grupamento de bombeiros da Polícia Militar de Cascavel está no topo quando o assunto é salvamento. Classificado como elite, é um dos serviços mais rápidos e bem sucedidos do país.

Bom senso, profissionais e instituições...

E quando algum dos itens acima falha?...

Quando o cidadão demora pra comunicar o fato? Quando o resgate não chega a tempo? Quando a precisão cirúrgica do neurocirurgião não é o suficiente pra manter oxigenado o cérebro do indivíduo? Quando o que resta é apenas o fim? Acabou?!

Não! Do fim existencial até o fim literal existe um longo caminho - de burocracias e decisões jamais tomadas com antecipação. Por exemplo: ninguém anda com talão de água no bolso pra comprovar residência em empresas funerárias, (como insistem em requisitar certas "autoridades" a parentes de vítimas nestes momentos).

Entre religião e ciência as opiniões são diversas quando o assunto é morte. O homem desde os primórdios tem caracterizado o ato de "morrer" como secreto, místico e até mágico.

Na fria ciência se considera a morte cerebral ou estacionamento cardíaco total. O que leva ao fim do indivíduo? Inúmeros fatores. Inúmeros também são os procedimentos realizáveis depois da morte constatada. Entre eles está o transplante. No caso das córneas, o Banco de Olhos de Cascavel informa que o procedimento pode ser realizado até seis horas após o óbito. Para isso, basta a manifestação de interesse pelos familiares.

Dentre os procedimentos pós-morte, há o serviço de tanatopraxia.

Tanatopraxia: Ato que consiste basicamente em técnicas de conservação e restauração de cadáveres. O procedimento proporciona a familiares distantes a possibilidade de também participar dos atos funerários. Parece tudo muito simples e dispensável, desde que não se esteja no Acre, sem possibilidade de pagar um avião para poder dar um último adeus. Participar dos atos fúnebres, para a grande maioria das pessoas, é muito importante.

Devido a essas poucas horas, tão importantes para as famílias que desejam estar por uma última vez próximo ao seu ente querido, é que fui visitar uma empresa que presta esse tipo de serviço aqui em Cascavel.

O especialista e gerente do laboratório de tanatopraxia de Cascavel, Reginaldo Silva, explica que o serviço é muito requisitado, chegando a um número de 45 atendimentos por mês. Ao ser indagado sobre os procedimentos de reconstituição cadavérica, Reginaldo diz que em 95% dos atos fúnebres que aconteciam com "uma lacrada", passaram a poder ser realizadas normalmente com a técnica de tanatopraxia. No laboratório da empresa, são inúmeros os materiais utilizados: cânulas de formas e tamanhos variados, agulhas de sutura, lâminas de bisturi, autoclaves e mais uma outra infinidade de aparelhos. O método usado pela empresa cascavelense é o mesmo utilizado nos EUA e Europa, explica.

Recentemente, no Peru, arqueólogos encontraram uma ossada de uma mulher em uma tumba Inca na província de Lambayeque, no norte do país. Segundo Silva, os restos mortais dessa mulher só foram encontrados por que alguma técnica de mumificação (berço da tanatopraxia) ou preparação do corpo foi realizada, já que segundo os arqueólogos, a descoberta data do período 300 depois de Cristo.

Essa técnica evoluiu de tal forma, que no Egito, a conservação de cadáveres não era mais praticada só pela elite constituída pelos que viviam próximos aos faraós. O custo era alto, então os despossuídos começaram a estudar e desenvolver seus modos de "preparação". Perceberam então que a condição seca e quente do deserto, a acidez da água, a falta de oxigênio entre outros, proporcionavam uma "conservação natural dos cadáveres".

Atualmente, o procedimento só pode ser realizado por profissionais habilitados e que compreendam a anatomia humana. Fica proibida a realização desses procedimentos por pessoas não autorizadas. Tal ato caracteriza, inclusive, infração criminal por "violação de cadáveres".

A dica que ele deixa, por mais "fria" que seja, é que nestes casos, se escolha uma pessoa para resolver os complicados problemas burocráticos que antecedem o velório. Isso inclui assinaturas em boletins de Ocorrência, registros no IML, registro e autenticação da certidão de óbito em cartórios. Esse último é tão importante que sem ele fica proibida a realização de enterros no município de Cascavel. "Tudo isso, se fosse realizado corretamente, pouparia inúmeras horas de angústia, que se tornam bem maiores se há atrasos e desencontros no processo de liberação dos corpos às suas respectivas famílias", finaliza Reginaldo.

De despedidas infundáveis de celebridades e ídolos das massas a pessoas normais do cotidiano, o último adeus muitas vezes depende desde profissionais. Há séculos eles se especializam e pairam à beira do limite entre a vida e a morte. Não importa se vamos para o submundo, para a vida após a morte, até para reencarnação. O questionável é que antes de partirmos "dessa pra melhor", é preciso lembrar que há necessidade de "preencher" uma série de requisitos. Como na letra da música de Sílvio Brito, "tem que pagar pra nascer, tem que pagar pra viver, tem que pagar pra morrer..."



# Patch work

"A oposição binária entre a ficção e o fato já não é relevante: em qual sistema diferencial, o que importa é a afirmação do espaço entre as entidades".

(PAUL DE MANN)

"A verdade como ficção, invenção e criação. Uma visão perspectivista e interpretativa do conhecimento. O conceito como produção e intervenção, e não como descoberta ou reflexo. A insistência no caráter produtivo da linguagem. O privilégio do diferente e da multiplicidade em detrimento da identidade e da mesmidade. Rejeição da transcendentalidade e do caráter originário do sujeito. O caráter heterogêneo, derivado, das formações de subjetividade. A não-identidade do 'sujeito' consigo mesmo. A opção por uma genealogia em prejuízo de uma ontologia. A pesquisa não das essências e das substâncias, mas das forças e das intensidades."

(TOMAZ TADEU E SANDRA CORAZZA EM COMPOSIÇÕES. EDITORA AUTÊNTICA, P. 35)

"Ser ex-cêntrica, ficar na fronteira ou na margem, ficar dentro e, apesar disso, fora é ter uma perspectiva diferente, que Virginia Woolf já considerou como sendo 'alienígena e crítica'. Uma perspectiva que está 'sempre alterando seu foco' porque não possui força centralizadora. Essa mesma mudança de perspectiva, essa mesma preocupação pelo respeito à diferença podem-se encontrar no e dentro do atual discurso teórico pós-moderno"

(LINDA HUTCHSON - EM POÉTICA DO PÓS-MODERNISMO. EDITORA ITACAMARA, P. 86)

## A INCRÍVEL JORNADA LACUNA ENTRE IDEAL E REAL

Ana Paula Detsch (Jornalismo -FRG)

Dona Conceição acordou cedo, perto das 4 horas da manhã. Se arrumou, tomou um café da manhã rápido e partiu em direção à Prefeitura do município de Nova Aurora. Ela e o marido entraram no ônibus lotado, na bagagem esperança... buscavam a saúde, uma espera que pode durar meses.

Segundo a Organização Mundial de Saúde "a saúde é um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas a ausência de doença".

As 5:30h a aposentada de 72 anos deixou o município onde mora, em direção a Cascavel. Ela vai ser consultada às 11:30h. Enquanto isso espera sentada, pois a osteopose não permite que fique em pé por muito tempo. Dessa vez ela fez apenas avaliações, para que seja comprovada a doença e assim ela possa receber os remédios para o tratamento. Depois da consulta a espera foi ainda mais longa, horas e horas sentada nos bancos do Cisop, sem almoço, buscando uma sombra para se refrescar.

Cascavel tem se revelado um pólo da saúde local. Pessoas de toda a região vêm até a cidade para fazer consultas. Só no Cisop - Consórcio Intermunicipal de Saúde do Oeste do Paraná - são mais de cinco mil pessoas por mês, que vêm de 24 municípios vizinhos em busca de médicos, exames e remédios. Essas pessoas normalmente têm uma história parecida com a da Dona Conceição: vêm de ônibus cedido pela prefeitura das cidades onde moram, e por isso passam o dia inteiro em Cascavel, esperam todos serem atendidos para só depois voltar para casa. Algumas vezes elas podem trazer o marido, filho ou algum amigo para acompanhá-las, mas nem sempre tem lugar para eles. É comum que os acompanhantes façam viagens de mais de uma hora em pé no ônibus.

Dessa vez, Dona Conceição trouxe o marido para fazer companhia, assim ela tem com quem conversar. Já era mais de quatro horas da tarde. Olhei a minha volta. Várias pessoas doentes esperando para serem atendidas, outras aguardando o ônibus para voltar para casa. A barraquinha de doces estava sendo desmontada. O sol baixo e o vento fresco deixavam o clima agradável. Na sala da recepção o telefone não deixa que a secretária sequer respire. "Cisop boa tarde, só um minuto. Cisop boa tarde, vou passar a ligação. Cisop boa tarde, o ramal está ocupado, ligue daqui a pouco. Cisop boa tarde".

Quando eu estava me preparando para ir embora, a senhora magra e de óculos se direcionou a mim mais uma vez. Nos olhos dela eu vi a expressão de sofrimento e dor, de quem sabe já não ter mais muito futuro. Ela disse:

- É difícil, tem que passar o dia todo aqui. Ainda se fosse uma consulta rápida... A gente quer se curar, mas não é fácil...

Fiquei sem reação. Não sei explicar se aquilo foi uma confissão ou um apelo desesperado de quem quer apenas saúde. Esperei alguns segundos, agradei, me levantei e fui embora a pé. Não pude dizer mais nenhuma palavra.

"Toda vez que se escreve, a gente faz com que algum outro fale. E em primeiro lugar, a gente faz com que fale uma certa forma. No mundo clássico, por exemplo, quem fala são indivíduos. O mundo clássico está inteiramente fundado na forma de individualidade; o indivíduo é aí coextensivo ao ser (vê-se bem isso na posição de Deus como ser soberanamente individual). No mundo romântico, são personagens que falam, e isso é muito diferente: a pessoa é aí definida como coextensiva à representação. Espoem-se novos valores de linguagem e de vida. A espontaneidade de hoje talvez escape ao indivíduo, assim como à pessoa; não simplesmente por causa de potências anônimas. Mantiveram-nos durante muito tempo na alternativa: ou seres individuais e pessoas, ou vos reunires a um fundo anônimo indiferente. Nós descobrimos, todavia, um mundo de singularidades pré-individuais, impessoais. Elas não se reduzem aos indivíduos e nem às pessoas, e nem a um fundo sem diferença. São singularidades móveis, ladras e voadoras, que passam de um a outro, que arrombam, que formam anarquias coroadas, que habitam um espaço nômade. Há uma grande diferença entre repartir um espaço fixo entre indivíduos sedentários, segundo demarcações e cercados, e repartir singularidades num espaço aberto sem [199] cercados e nem propriedade. O poeta Ferlinghetti fala da quarta pessoa do singular: é ela que se pode tentar fazer com que fale."

( GILLES DELEUZE EM A ILHA DESERTA E OUTROS TEXTOS , ED. ILUMINARIAS, P. 153)

# SAÚDE AO AR LIVRE

Rony Santos (Jornalismo - UNIPAR)

O caminhar da pessoa que passa ao lado se dá em passos acelerados, talvez pela correria diária, ou quem sabe seja algum tipo de exercício. Não dá pra distinguir direito, pois a calça jeans e a camisa gola pólo não dão pistas de sua intenção. Ao lado de onde passa, dá para se perceber a agitação dos jogadores de futebol com seus gritos e gestos. Mais acima os jogadores de vôlei compenetrados na hora do saque. O caminho é cortado por uma passagem ao lado da quadra de vôlei de praia. Com o atalho se ganha tempo. Dizem que tempo é dinheiro, mas nesse caso é uma mera formalidade, já que o tempo e o espaço nesta praça podem ser paralisados e assim, sem pressa, tudo pode ser visto. A pessoa olha sobre seu ombro direito enquanto caminha: vê a placa de "proibido animais" na grade do parquinho infantil. As crianças à uma hora destas não estão mais aqui brincando, a areia permanece só.

Este espaço dentro da praça, que é nominada Wilson Jofre, abriga a AMI - Academia da Melhor Idade. O que será que os funcionários incumbidos de criar nomes para locais públicos quiseram dizer com isso? Alguns têm a idéia que a melhor idade é sempre a atual, pois, caso contrário se trata de nostalgia ou adivinhação. Contudo, deixo para refletir sobre o tempo em outra hora, momento e lugar: o objetivo desta visita é completamente diferente.

Observar. Neste final de tarde, já praticamente noite, em um dia de semana qualquer, se pode ver pessoas caminhando por uma pista que circunda toda a praça, algumas poucas arriscam correr também. Mais especificamente no espaço destinado ao que a tabela de horário de atendimento de estagiários denomina como "academia Wilson Jofre", nota-se três jovens, tão observadores como você, atento leitor. O assunto do trio é de total relevância nos dias de hoje: Saúde.

A obesidade e o sedentarismo estão entre os maiores problemas da atualidade. Come-se mal e não se faz nenhum tipo de exercício. Para tentar amenizar esse problema muitos municípios investem em áreas de lazer que estimulem a melhora do condicionamento físico. Um destes lugares é justamente o cenário da observação.

- Esses aparelhos simulam os aparelhos de academia, só que sem a opção de se aumentar a carga. É uma academia para iniciantes, para sedentários, para quem nunca teve a oportunidade de freqüentar uma academia ou para pessoas que realmente gostam de fazer exercícios ao ar livre. - comenta a fisioterapeuta Mayane Carolina Leonardi.

- Se o indivíduo seguir todos os exercícios, bem certinho, ele vai deixar de ser sedentário. Isto se praticar regularmente, no mínimo 3 vezes por semana. - completa o educador físico Marcelo Leonardi.

- A atividade física é benéfica, desde que bem orientada e com uma avaliação prévia. - comenta Mayane.

- Como assim?

- Ela pode ser benéfica pra você que é saudável. Agora, se você tiver uma doença cardíaca não diagnosticada e vier aqui fazer o exercício sozinho pode ocorrer uma complicação - completa a profissional.

- Mas esses aparelhos da praça são bons?

- Depende. Por exemplo, esta roda de ombro (rotação vertical), se usada por uma pessoa que tem luxação no ombro e de maneira errada e sem auxílio, pode causar lesão.

- O objetivo de uma academia assim é a melhora do condicionamento, deixar de ser sedentário. Ninguém vai ficar todo musculoso vindo à praça.

E o diálogo continua:

- Aquele aparelho ali (aponta para o Esqui, que tem como objetivo aumentar a flexibilidade dos membros inferiores, quadris, membros superiores e melhorar a qualidade cardiorrespiratória), por exemplo, é igual aquele que é vendido na televisão, faz a mesma coisa, e ainda há a vantagem de ser ao ar livre...

Enquanto se afasta dos interlocutores usa escada que fica a direita. Observa ao longe as dez variedades de aparelhos na academia ao ar livre e o horário de atendimento dos profissionais exposto em um quadro. Corre pelo meio da praça e passa ao lado da fonte com pedras iluminadas interiormente. As pedras fazem as vezes de "puffs" para os que ali passem possam sentar um pouco e descansar. A pessoa, no caminho de volta ao lugar de onde veio, pensa seriamente: Verdade. Nada é tão importante quanto o cuidado com a saúde. ☐

UMA PRAÇA... AÇÃO!

## RELAXAR, ALONGAR, FORTALECER

Juliana Tokarski (Jornalismo - UNIPAR)

Éra um belo meio-dia de sábado. Tio do algodão, tio da limpeza, pessoas sentadas lendo, casal de namorados, pessoas pensando na vida, olhando o céu. Dá para imaginar o cenário onde tudo isso acontece né?! Uma praça. Muitos escolhem esse refúgio para passar o tempo livre.

É impressionante como um lugar mal cuidado, ao ser revitalizado, se transforma em ponto de encontro para conversas entre amigos, diversão nas quadras de esporte e claro: academia ao ar livre. É isso mesmo. Algumas praças ganharam lugares específicos para práticas que visam a saúde física, com aparelhos de ginástica.

- Aqui na academia ao ar livre vem mais crianças ou adultos?

- Ah, é igual. Vem bastante adultos e bastante crianças.

- Hum... E as pessoas vêm aqui mais para se divertir ou pensam realmente na saúde?

- Elas vêm mais para se divertir. Os pais ficam cuidando dos filhos nos aparelhos. Mas tem uma mulher que fica aqui na praça para ajudar.

- É? Ela faz o quê?

- Acho que ela mostra como fazer os exercícios, duas mulheres de manhã e uma à tarde.

Isso foi o que me disse Sebastião, o tio da limpeza. Nada melhor do que entrevistar alguém que passa a maior parte do seu dia na praça, rodeado de gente.

Dá para perceber, nesses minutos de olhar atento, um aspecto que cobre o rosto dessas pessoas: A alegria. É como se a saúde e o bem-estar estivessem ali de mãos dadas, dentro de cada pessoinha.

Surge a pergunta necessária, na massa cinzenta do meu cérebro: Muitas pessoas estão ali "praticando" exercícios. Mas elas sabem para que serve cada aparelho? Ou estão ali realmente, só para passar o tempo?! Tem uma enorme placa que diz para que serve cada aparelho e como utilizá-lo, mas nem todos lêem o que está escrito.

É criança que se embala nos aparelhos, que nessa hora são transformados em brinquedos improvisados. É pai que tenta, com muita dificuldade, voltar a ser criança, e se embalar como o filho. E não percebo no pai nenhuma preocupação em relação a fazer os movimentos certos no aparelho: colocar as pernas e braços adequadamente, para se ter um resultado correto.

As crianças são as que mais se divertem, não se importam se estão fazendo o certo ou o errado nos "brinquedos".

O resultado dos exercícios? Pode não ser físico, mas é mental. Se percebe na alegria dos "gigantes", que se tornam crianças. É como se a realização da vontade de ser feliz, fosse estabelecida no momento em que se tornam crianças novamente. O adulto não pode ser feliz?! Claro que pode. O adulto não pode, em algum momento, rir como criança?! Deve. São aspectos que apagam o erro do exercício. Perdoa-se, por se tratar de pessoas que estão ali para se desestressar dos dias corridos da semana que passou.

O que importa é a diversão. E praça é sinônimo de diversão. ☐

